

MÃE DETE- O Santos na casa são os mesmos. Iansã, Oxum, Xangô, Caboclo, Ogun. Todas as casas têm os mesmos, mas muda o ritual. A Almas de Angola para umbanda. Esse outro, como é? Ah, agora deu um branco. Esse aqui é... Não temos quase nenhum por aqui. Tinha antes era ali atrás, mas agora não sei. Depois, lá pro lado do Morro do Céu também tinha, mas não sei se ainda tem. Mas agora a alma de Angola tem bastante

WILL: Mas a senhora é umbanda...

MÃE DETE: Umbanda!

WILL- Mas não é Almas de Angola?

MÃE DETE: Não.

WILL: Tá. Mas aí, antes de tudo queria perguntar. Posso chamar a senhora de Caudete, Dona Claudete?

MÃE DETE- (Faz que sim com a cabeça)

WILL- Então a primeira pergunta é geral para a senhora falar pouco da senhora, então quem é a senhora? Onde a senhora nasceu? A sua idade, né? Onde a senhora nasceu? É e como assim, falar um pouco da sua vida aqui no Morro do Mocotó. Então, onde a senhora nasceu, seu nome, um pouco da sua família, de onde a senhora vem, né? Quem é a Mãe Claudete?

MÃE DETE- É eu... A cidade que eu nasci, Morro do Mocotó. Só mais lá embaixo. Minha mãe faleceu eu tinha 4 anos. Fui criada com a minha madrinha, que agora hoje ela também já é falecida. Não fui criada com o meu pai, parente de sangue não conheci nenhum, a não ser os meus irmãos. Ali com a minha madrinha, ela só teve possibilidade de me dar o estudo, só o básico para não ser *alfabeta*. Estudei até a quarta série, quinta que ela não tinha. Ela tinha muitos filhos também e sempre aqui morro. Só que eu nasci lá embaixo, depois me casei mais ali e depois vim acabar aqui em cima. Tem três etapas aqui do morro que eu fui crescendo. E na umbanda eu, porque às vezes a gente sabe que a gente ou na umbanda, no Allan Kardec, mas eu tinha alguma coisa para umbanda. Mas a minha mãe de criação, que era umbandista, ela tinha, ela dizia que eu era muito nova, que não não tinha idade. E depois, porque nós hoje nós pensamos assim, botar um jovem agora na umbanda, ele começa a fazer tudo o que tem de fazer, as obrigações todas. Mas ele quando chega numa fase que ele começa a enxergar a vida de outro lado e começa a namorar para ser essas coisas, aí ele vai esquecendo da umbanda. Só que o povo dele, que escolheu ele, não quer saber. Aí começa a cobrança, cobrança, cobrança. No fim, a vida dele ou vai pro beleléu ou ele tem que voltar para a umbanda. Então ela nunca deixou. E eu só fui entrar para a umbanda com 31 *ano*, porque doente era preciso e dali segui.

MÃE DETE- Depois que a gente está, aí entrar é fácil, sair é difícil. E eu continuei, que era problema de saúde. Aí eu fui com o pai de Santo dizendo, olha, tem que fazer obrigação. Fui fazendo as obrigações tudo, pro Santo. E era às vezes assim: "Oh dona Claudete tá na hora da

senhora deitar para fazer a sua coroa". Deixa eu deitadinha lá em casa eu dizia para ele. E fui levando, fui levando, fui levando. Eu fui fazer a minha coroa para mãe de Santo com 60 e poucos anos. E dali continuei que eu já tinha uma casinha aberta, atendia sem ter tudo que tinha direito. E dali nem imaginava que... olha, pra gente cuidar numa casa de de Santo dá uma dor de cabeça. Mas a gente, assim, na mesma hora que a coisa... A gente pede ajuda a eles, pede força a eles e ao nosso pai. E aí as coisas já ... (faz um sinal de seguir em frente com as mãos) porque não, não é fácil. Porque nem todo mundo assim, pensa igual, age igual. Nem todo mundo acredita que as coisas não é como a gente quer, não é como eles dizem. Tem que dar tempo ao tempo. Tudo do seu tempo. E quando eles querem, eles querem de carreira. Da noite para o dia ou do dia para a noite. Então isso sacode muito com a gente. Que a gente quer entender todo mundo para estar sempre. Mas às vezes é difícil, às vezes é muito difícil.

MÃE DETE- Olha o Pai de Santo importante que eu, né? Foi que eu me dediquei a ele. Ele morava lá no Mont'serrat. O nome dele era Osvaldo, mas ele era conhecido como o Pai Dado. Foi uma pessoa muito querida, então porque eu não... Eu sou dessas de mim, por cada macaco no seu galho. Eu não sou de estar correndo gira. Porque a minha vizinha essa aqui todo dia: "Ai, tem uma festa Ai..." E vão. Se dizer assim, "lá no outro lado do mundo está abrindo a casa agora... vamos tudo para lá". Não! Eu, é aqui. Daqui, é ali no Pai Cipriano, ali no Pai Caco, que é ali na no Jacatá. Então assim, eles, a gente reveza, eles vem aqui, eu vou lá quando dá. Quando não dá também. Aí sente falta de mim, porque parece que eu sou a mais velha da casa. Tenho mais idade lá, então já tudo sente falta quando eu não vou, já querem saber o que é. Porque tenho os meus problemas. Eu fiz uma cirurgia da coluna no 2014, 2018, 2021. 2023 eu botei uma placa aqui (colocando a mão no Ombro). Então, quer dizer, que quando o vento sul está descendo a Cambirela, meus parafusos já estão tudo atrapalhando. Então eu não e eu não gosto, não gosto mesmo. Porque assim quer ver, nossa casa é simples, é pé no chão. A gente, eu desde da minha infância, dos meus 80 e pouco que eu conhecia a umbanda, aqui no Mocotó, sempre coisas simples. E a gente vai agora nesses terreiro aí, de Almas de Angola, Ai meu Deus, parece um desfile, parece um disputo. Elas vão com aquelas anáguas, parece assim um abajur de cabeceira, parece assim um guarda chuva. E nós não somos disso, é aquele, aquele básico, entende? Então eu não me sinto bem, não me sinto bem, e o meu povo também não gosta desse tipo de coisa, porque eles são um espírito. Para que luxo, para que essas coisas, esses brilho, que quem dá luz e a força para eles vim cá fazer a caridade é Deus. Então a gente vai nessa. Então eu não gosto de... Conheço muitos de ver falar. E o padre Vilson que se embrenhou aqui comigo e entrou nessa. Ele conhece vários terreiros, e da Almas de Angola, e faz reunião, essas coisas todas. Mas eu não. Eles lá, eu cá. Agora, ele quando é para vir aqui, aí ele vem. Eu disse pra ele, ele não era para ser padre era pra ser macumbeiro, do tanto que anda na macumba. Mas ele, né? E graças a Deus, numa parte, eu sou muito grata a ele, porque a igreja católica não aceitava a umbanda. Eles diziam que era a macumba. E quando a minha filha mais moça foi fazer a primeira eucaristia ali na Santa Terezinha, aí teve um cara que disse assim: "Oh, ela é da macumba". O padre não queria fazer a comunhão. Não sei se ele já morreu ou ainda está aí o padre Martental. Aí, tá. Eu peguei, fui na igreja do Senhor dos Passos, confessei, porque eu sou da umbanda, mas eu acompanho a missa, eu acompanho a procissão, eu pra mim a hóstia

é o remédio para minha saúde, para meu espírito, para tudo. Fui lá, conversei. Aí ele disse: “Oh é assim, assim, assim.” Eu disse, “eu sou uma pessoa, minhas portas estão sempre abertas para as pessoas que estão necessitando”. Tirava as minhas filhas da cama para dar o quarto para as pessoas que vinham pedir uma pousada na minha casa, tudo isso aí. O problema eu vejo muitas pessoas dizer que são católico. Não sai da igreja, toda a vida na missa, mas quando estão passando, estão subindo, eles vem chamando pelo o nome do inimigo, batendo nos filhos, fazendo fofoca e isso não... Ele disse: “Não liga, continua a fazer o que você está fazendo que o seu lugar lá (aponta para cima)”. Eu me preocupo mesmo com o meu meu lugar lá, não aqui. Lá eu me preocupo. Aí fizeram a comunhão dela e o Padre Vilson disso aí começou nessa levando a gente pra igreja, aí fazendo... Porque de quatro em quatro anos tem a **excede**, né? Então é todos os estados que vão aonde que está sendo. E fez 2 vezes aqui. Uma vez foi feito lá no colégio Coração de Jesus. Aí ele exigiu nós ir de branco, levar guia. Aí falou na umbanda, fizemos defumador, que é as coisas que nós usamos. E outra vez foi na no arco da Catedral. Tinha bispo, tinha padre, tinha tudo e nós defumemos tudo, como nós fizemos no nossos filhos Santos. Porque eu dizia assim pra ele: “O padre Vilson, a igreja católica, com a umbanda, ela caminha para o lado. Tudo que tem na igreja tem no terreiro, só a diferença é que nós usamos cachaça e vocês não usam. Porque, escuta, quando tu vais celebrar uma missa, tu botas uma roupa verde o altar ta com a roupa verde está celebrando o ... Nós quando nós botemo verde no nosso altar, nós estamos celebrando o nosso São Sebastião, que na igreja é o São Sebastião pra nós é Oxóssi, é o rei das matas. Se nós *botamo* um branco e vermelho no altar para uma missa, nós estamos salvando, celebrando o Ogum. Vocês não é isso? Assim, a única coisa que nós usamos... O vinho pra vocês é o sangue de Cristo.” Então aí foi batendo, batendo, até que ele foi, até que botou nós na igreja, que aí quando foi nessa última celebração que teve no arco da catedral, que a gente defumou, fomos com roupa, aí já foi, muitos terreiros de umbanda participaram e tudo, né? E a gente defumou a Catedral ali, o lado todo, as pessoas. Que aí eles tinham de cada cada terreiro, a Babá pra ir fazer e a gente fez e pronto. Nunca mais eles incomodaram, falararam que a igreja, que a umbanda é macumba e essas coisas assim. Mas depressa, até Almas de Angola que é... caminha com nós. Nós respeitamos a Semana Santa, a Quaresma. Para nós a Quaresma é sagrada, ninguém faz gira de Exu na Quaresma, a respeitamos. E eles não. Na Quaresma todinha eles fazem Exu e Preto Velho que diz Preto Velho é egum, mas preto e velho não é egum. Porque é um povo que só faz a caridade, só ajuda as pessoas não podem ser egum. Porque egum. É um perturbado, é um povo que não tem luz, uma pessoa que morreu enforcada, se matou, uma pessoa que se jogou na água, que Deus a gente sabe que Deus não aceita. Então esse é um egum que vive no escuro, nas trevas, pedindo luz. Então o Preto Velho, o Preto Velho é um povo que vem, ele vem ensinar as pessoas, ele vem fazer a caridade, dar conselho, não é de fazer o mal. E Almas de Angola, não. Agora teve festa ali na no terreiro da Neusa, da Pomba Gira dela, mandou convidar eu. Eu não fui. Porque meu pai de Santo, no mês de Ibejada ninguém faz Exu, porque é a coroa dos anjos para nós o Cosme Damião, é o mês da da coroa dos Anjos, são sagrado. Então... Aí a minha neta que é daqui ia subir, “Ah, e eu vou lá”. Olhei para ela assim... “Não, não vou não.” Eu só olhei. Eu disse: “Olha, nós não misturamos Exu no mês de criança, no mês das alma, de finado, nós também não fizemos.” Mas tem povo que eles faz assim, são vidrado a Exu, eles louvam Exu. É um povo também, que faz a caridade. Mas não assim para... E assim a gente, a nossa umbanda...

E a Almas de Angola... E não temos... Vem o povo da Almas de Angola pra cá. Eu tenho a sobrinha, a Ana Cristina. Ana Cristina, a mãe dela é umbanda, a vó dela, que já faleceu, era umbanda. Mas quando ela teve um problema que precisou, pessoas do terreiro, que era da umbanda, não estava com condições de acudir ela, aí quem acodiu foi uma moça ali, a Fa. Que ela é da outra religião, misturada, que não é umbanda pura. Aí, quando ela quer fazer as obrigações, ela tem que subir lá em Porto Alegre, porque o povo é tudo de lá, o pai de Santo e tudo. E é muito, muito sacrifício. Mas vem na... São, eles são bem recebidos. Que a gente não vai..., assim como nós também na casa deles também. Isso é o mais importante, né?

WILL- Mãe, e uma pergunta agora, mas assim... A senhora falou da sua trajetória, a gente até tinha essa pergunta específica, a senhora acabou respondendo que a relação com o padre Vilson, que é uma coisa que chama atenção né? Porque é um padre católico e, enfim. É bonito assim ouvir a senhora falar dessa, desse respeito, né? E dessa entendimento.

MÃE DETE- Ele veio na minha camarinha. Ele veio na festa de preto velho comer feijoada. Ele não veio no ano passado porque ele tinha ido para a África. Que ele abarcava o mundo com duas pernas. E esquece dele. Que quando não está na África, ele está, ele está lá na Itália, está em Portugal e assim vai. E Deus dê bastante gosto para ele e saúde. Então aí por isso que ele não veio não.

WILL- E aí pergunta, né, ele frequenta a sua casa, aí vamos, já é uma segunda parte, assim que a gente queria saber um pouco. A gente é da história, né? E a gente gosta das histórias assim, a gente queria ver um pouco da história da sua casa, quando que a senhora fundou o seu terreiro, o nome do seu terreiro e assim, um pouco da história. O nome, o porquê e quando a senhora fundou, assim?

MÃE DETE- Olha, eu não faço nem ideia quando foi que eu fundei. Porque assim, quando eu entrei na umbanda, eu não... Estava no começo. Estava com meus 32 anos e eu peguei minha preta velha, Tia Maria de Minas. Aí ela começou a atender no quarto dos meus filhos, fazer caridade dentro do quarto dos meus filhos. Ela ficava sentada na cama deles para rezar as pessoas. Aí dali eu fiz um pedacinho do lado pegado com a minha casa. Dali fui indo e fui indo. Agora, não faço ideia, agora que a minha camarinha eu fiz em 2002. Fez 22 anos. E aí? Porque assim, ó, é tudo por etapa. A primeira obrigação é o batizado. Entrou, veio o padrinho, a madrinha faz o batizado. É a primeira guia, a branca que é a guia de oxalá. Dali uns 7 anos, tendo já Santo, aí faz outra obrigação e as obrigações é de 7 em 7 anos. Não é assim? E aí foi por etapa, então cada um era uma coisinha e coisinha, até que a obrigação da gente é tudo.

MÃE DETE- Sou filha de mãe Oxum, mãe Oxum com Ogum. Mãe Oxum é nossa senhora da Conceição, né? Então, são os meus pais de cabeça. E a responsável da casa é a Tia Maria. Como ela veio primeiro ela que cuida tudo. Aí ela não trouxe a jarra mais. Mas aí, eu tenho Ogum, Oxum, tenho uma Pombagira Cigana e tenho uma ibeijada, a Rosinha. Tadinha, não sei quantos anos que eu não sei mais. Ela ria aqui. Agora a gente depois de velha, de bico,

chupeta, mamadeira na boca, né? Tadinha, a última vez que ela teve aqui, ela chorou uma porção e... mas a gente está sempre salvando ela. A gente faz oferenda pra ela e tudo entende? E assim, eu tô gratificante porque veio pra gira um neto meu. E esse neto tá pegando os Santos que não tão girando na minha cabeça, tão vindo na cabeça dele. Eu tô louvando meu Ogum. Ele veio pedir licença pra mim e pra minha preta velha. Para ficar na cabeça dele, que o dele não estava tomando a frente. Então ó, e foi. O Exu que faz parte, porque todos a Entidade tem a casa ao lado, né? Pombagira, o preto velho e eu tinha um Exu 7 capa, mas nunca arriei, mas sempre alimentei ele e ele sempre que dava, rondava a nossa casa aqui nos trabalhos. Está pegando ele. Aí ele veio conversar comigo e com a minha Preta Velha. Com a minha Preta Velha, tudo bem, mas agora comigo agora eu vou dizer não? Não vai, porque eu não posso. Eu fico dando graças a Deus que tem alguém, né? Agora só o Caboclo Arariboia aqui, eu ainda não tem ninguém que pegasse ele. Então, quando dá, que eu estou um pouquinho boa, ele... Mas eles tudo tem um monte de coisa que diz que ele é bem brabo, gosta das coisas, tudo ali. Então quando diz assim: "olha, tem gira de caboclo, seu Arariboia vai arriar. Aí já fica tudo no pianinho e fica tudo. E parece que não, parece que é eles que tem... Eu acho que é o respeito que eles têm a ele e torna assim, eles com aquele medo que ele é brabo, que é isso... Ele é boa, boa coisa. E é só o que eu tenho. E aí? Não, não tenho xangô, graças a Deus. Tem pessoas que tem tudo, até uma coisa.

ELISA: E de que forma a senhora vê, observa, essa relação da religião de matriz africana na formação do morro do Mocotó?

MÃE DETE- Olha, eu acho assim, a formação da matriz africana está querendo assim é ajudar. Porque o povo tava muito assim descrente. Quando começou a crescer aqui, as igreja evangélica era um absurdo. Eles não aceitam a umbanda, entende? As pessoas botavam roupa de gira no arame, eles botavam fogo, rasgavam. Era, os atabaque, eles invadindo os terreiros, quebrando, tanto aqui como no Rio de Janeiro. Isso é global, entende? Então é uma, é uma força que eles estão tendo para ter assim uma união para trabalhar junto, porque a união faz a força. Quer dizer, como uma andorinha só não faz o verão. E assim tudo junto, lutar. Por esse objetivo que é, eles se unir, deixar cada um na sua, entende? Porque ó, lá na frente é uma igreja evangélica, ali tem uma. Eu não incomodo a eles, lá eu não incomodo cá, nunca me incomodaram. Ainda me perguntaram uns pessoal que vieram aqui, outro dia veio gente lá do Paraná, do Rio de Janeiro. Ainda eu não sabia que tinha alguém do Rio de Janeiro. A gente às vezes, né, conversa, né? Porque o Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa, a cidade. E eu disse: "olha, pois eu não quero uma casa de graça nem para receber um pagamento no Rio de Janeiro". Porque por cima babados e rendas, por baixo Deus me defende, eu disse. Aí ela assim, uma falou assim: "Aí, a minha avó sempre falava, essa aí". É porque a cidade maravilhosa é só aquele centrinho ali. Agora vá pelas comunidades, os esgoto ao céu da terra, aquelas favela. Porque teve uma época que tinha, nós dava um debate muito grande com o padre Vilson. Porque eles diziam que aqui o morro é favela. Aí teve um professor que veio de São Paulo com o padre Wilson, esteve aqui em casa, conheceu o morro todo. E ele disse: "Não aqui nunca, que foi favela". O único lugar aqui na nossa Floripa, na nossa Santa Catarina que eu conheço, que é bem parecido com as favela de São Paulo e do Rio de Janeiro, é a Caixa D'água do Estreito. Que nem a Caixa D'água aqui do centro, não é,

porque as suas casinhas tudo tem os seus quintal, tudo. E lá é tudo assim, encostado um no outro. Que se pega fogo num e pega em várias, né? Então quer dizer que aí ela disse assim, é verdade o que a senhora tá falando? Eu disse é porque a gente fala, eu, quando chegar para dizer eleições, falo, falo, falo, mas não faz nada, não faz nada, só promete. E de promessa o povo vive muitos anos cheio que não tem.

ELISA: Então a senhora diria que é uma relação positiva que foi se construindo ao longo dos anos aqui dentro do Morro do Mocotó, entre as religiões de matriz africana?

MÃE DETE- Sim. Quer dizer que aí com o padre Vilson, a ajuda do padre Vilson e com tudo. Porque aí temos ali o seu Solimar. Ele, a religião dele não é a umbanda, né? E se sabe que é dentro de lá. A Ana Cristina também não, mas a gente tudo trabalha tudo junto, porque o objetivo é um só.

WILL: É, eu queria perguntar, já que a senhora falou, tinha começado lá no começo, quando a senhora falou que viveu um mocotó no início, no meio aqui, e foi em diferentes lugares. E aí também tem a ver com a própria fundação da sua casa. A senhora fundou seu terreiro aqui, e como foi esse movimento. A senhora começou lá?

MÃE DETE: É que eu nasci lá embaixo, fui criada ali na casa das família, onde tem corte. Aí ali eu casei com 19 anos, eu vou fazer 63 anos casada. Então aqui é que eu fiz o terreiro, aí aqui eu toquei uns 35 a 40 anos. 25 anos de casada quando eu fiz, eu já morava aqui, eu 25 anos, eu vou fazer 23. Então vê, ó, tá ali batendo ali, ó. É a época que eu tenho o terreiro aqui. Só que agora, mas depois do coisa, aí é legalizado que nós pagamos o alvará, né? Esse alvará para nós vale muito, porque a gente tem direito advogado. Qualquer um louco que entrar aqui, quebrar um Santo fazer, a gente pode chamar a polícia? Temos! E é uma coisa muito boa. A gente tem direito a certidão de batismo, a certidão de casamento, e eu porque eu não procuro. Eu fico na minha, não sou dessa coisa. É lá, lá e tem que estar, porque a sede é lá em Jaraguá do Sul, aí tem tudo, é por telefone e coisa. Tinha até um, eles tinham um motoboy que eles vinham trazer. Porque a gente recebia todo mês, pagava, recebia todo o histórico deles, acho que era. Mas eles também ficaram sem, também com a dificuldade, tudo sobe tudo, né? Mas eu não, o importante é eu saber que eu estou pagando. Eu comecei agora, quando eu fiz, tirei o alvará, eu pagava 30 real, então só sobe assim de ano a ano. Mas é esse pouquinho que sobe de ano a ano, hoje eu já estou pagando 75 real. Ano que vem já vou pagar 80 e assim vai. Mas não me importo. O importante é que a minha casa tem a proteção por eles, que qualquer coisa que a gente precisar é só ligar e tudo, né? Olha, graças a Deus aqui nunca ninguém me incomodou.

HELENA: Pensando um pouco nisso a gente queria saber um pouco mais sobre essa relação do terreiro com a comunidade, com as prefeituras, com o governo do estado. Se tem mudança, assim, de um tempo pra cá. Se antes era mais difícil e hoje é mais fácil, se não mudou muita coisa. Como a senhora vê essa relação com os políticos, com a prefeitura?

MÃE DETE- Não, não. A nossa relação aqui com a prefeitura, a gente... Nós tínhamos uma associação de moradores. Essa associação de moradores era comandada só por mulher. Ela durou 12 anos. A gente adquiriu o esgoto, adquiriu luz. Tudo que a gente queria, a gente ia com as crianças. Criança é luz, né? Nós com aquelas crianças, levava duas, três viagens delas na kombi na prefeitura. A gente conseguiu as coisas com eles. Então, dizer que eles... Eles diziam, “a gente tem que arrumar um vereador na comunidade que para trabalhar...” Na comunidade do Mocotó teve um vereador. O seu Clodoaldo, agora ele pode ser vereador lá em cima, que é aqui pra nós ele não fez nada. Fazia, assim, lá pra pântano do sul, armação pra lá ele fazia, mas no Mocotó nunca fez nada. O que a gente tinha, porque nós adquirimos. A nossa associação. Na última gestão, de pra 13 anos, nós botamos dois homens. Um foi meu sobrinho, ele era militar e o pescador ali Farias. Acabou, a associação acabou, entende? E agora muitas coisas a gente conseguiu aqui, na época que o Amin foi governador, a Ângela prefeita. Até a quando a Ângela foi prefeita, ela deu para o idoso, que já tinha 65 anos, o cartão. E o cartão tá escrito é especial, a gente não pagava, só mostrava pro cobrador. Agora não, tu senta com ele, bate nas tuas costas, dá o cartão, ele passa a catraca, a gente tá pagando o ônibus, né? Mas eles que botam também, não tem problema. Então, com o Esperidião Amin a gente começou na campanha, com ele adquirimos. Com a Amin, ele botou o poste de luz para nós aqui. Nós não tínhamos títulos de terra, nossas terras era do hospital militar. E ele disse, cada, cada um que entrava para ali a proposta era tirar o povo do Mocotó. Chegaram a vir uma vez com os presos da penitenciária, com ferramenta, com tudo para tirar nós. Essa foi a última vez que eles vieram aqui. Aí aonde que o Amin entrou aí, fez uma troca com eles e a COMCAP, a COMCAP deu uma terra para eles e eles deram a terra para nós. E todos nós ganhamos o título das nossas casas, porque aqui o Mocotó não é essa área toda do Mocotó. Mocotó é uma fatia de bolo. Ela entra lá embaixo assim e acaba aqui, porque para ali é hospital de caridade. Da 13 para lá já é outra. Então é só aquela fatiazinha no meio, mas que a graça de Deus nós ganhemos todo mundo. Quem tinha terreno grande dividia para quem não tinha. Muitas pessoas que moravam lá em baixo, que aqui em cima teve quem desce. Eles não quiseram vir para cima, deixaram, outros vieram fizeram casa, outros venderam, mas que foi uma boa coisa que o Amin fez, foi. Então aonde que eu dizia? Toda vez que ele for candidato, que eu puder dar o meu voto pra ele, dou porque a gente deve obrigação pra ele. Porque a gente não pode sujar no prato que a gente come, porque nunca teve um que fizesse. E outra coisa que foi o Amin que fez pra nós aqui. Mocotó não tinha vez. Eles diziam que no Mocotó as crianças já nascem marginalizada. Aquilo briga para nós. Nós sentamos, pessoal da associação, o que é que nós vamos fazer? Pensaram em mudar o nome, faz isso e faz aquilo. Não vai adiantar mudar o nome. Você pode botar o nome até de um Santo que seja, mas se chegar lá no Estreito e for dizer o local que tá morando, mas onde é que fica esse local? Ah, no antigo, no morro Mocotó. O Mocotó vai ser lembrado. Vamos fazer outra coisa. Aí a gente pensou, sentamos, fazer carta aberta. Nós fizemos cartas abertas, explicando que no Mocotó tem gente simples, pobre, gente decente, que não é... E foi um dia inteiro entregando. Na cidade, para militar, para comércio, para tudo. E nessa, nessa época, o Amin se candidata para governador. Então a primeira subida que Amin fez no Mocotó, ele não veio com segurança. Ele veio assim, ó manga arregaçada, subiu. Primeiro bar, ele entrou, jogou sinuca com a turma que tava ali. No segundo ele tomou uma caninha. E dali para frente, o Mocotó criou o nome que parou. Mas ninguém aqui pegava serviço na cidade. Então essa é

uma coisa que eu disse, nós queríamos jeito, criamos nome, foi através do Amin. Ele não subia o morro com segurança, com aquela corja. Ele subia sozinho. Aí vinha aqui na minha casa, trazia.... mandava os ingredientes e tudo, fazia o mocotó, ele vinha também. Não trazia aquela turma, era aquele pouquinho ali dele comia, o resto ia. E olha, nós se divertimos um monte nessa quando tinha eleição. Porque um trazia, a gente fazia que ele comia aquilo, ia embora, a gente tirava a placa daquele, já botava a placa do outro, já o outro vinha. E nunca fizemos nada para assim, para ganhar dinheiro, nada. A gente só se divertia porque a gente ganhava o que lhes dava, que era para fazer. Era mocotó e dobradinha, a cerveja para tomar, e assim a gente, agora que não fizemos mais. Olha, mas era uma troca de placa, olha, vai vir o fulano, tira a placa do Amin. E assim a gente fazia e a gente ia para o candidato que estava com a gente porque eles não estão sabendo quem é que a gente tá votando lá, né? Então nosso candidato tá. “Não votamo no senhor, não tá, tá tudo limpado” E porque assim a gente ia. Agora mesmo, não desce, não desce mais, nem para o comércio com as minhas gurias, não deixa, eu tô fazendo fisioterapia, tem que ir e eu tenho que ir com segurança primeiro para não cair né? E segundo, para não estar sozinha. Então assim, olha, eu vou, vou nos centros, não, já nem conheço mais a minha cidade.

HELENA- E a gente queria saber da senhora por que da história do nome do morro do Mocotó? Por que é o morro do Mocotó?

MÃE DETE- Ah, isso aí é... a história do morro do Mocotó. Era um antigo da família que ele era embarcadiço, e quando ele vinha para a terra, vinha os amigos dele. Então, que agora o mocotó está fácil, fácil de fazer, porque tinha que ir no matadouro. Trazer o pé do boi, tirar, fazer a unha manicure, tirar aquela unha abaixo de água fervente, tudo. Limpar, era suado. Agora não, a gente vai lá, o meu, o meu genro foi lá, comprou 4 kg de mocotó já tudo limpinho, tudo cerradinho, só cheguei pra ‘pum!’. E aí o pessoal veio porque o nome do nosso morro não era morro do mocotó, era morro do governo por causa do pedacinho, era morro do governo. Então a turma vinha comia o mocotó e aí foi indo, foi indo até que ficou mocotó, morro do mocotó. Até já veio uns aqui disseram, você não quer botar fazer o mocotó prato típico da Floripa? Não sei ,porque tem lugar que eles fazem, vende e é caro. Eles cobram caro. Mas nem todos fazem mocotó como eles é feito, né? É o Ci ele veio comer mocotó aqui, mas não fui eu que fiz porque eu tinha feito uma cirurgia, eu tava com 20 e poucos parafusos na coluna. Pedi a minha minha sobrinha pra fazer, porque ela também faz comida, fazia comida pra fora. É, ele comeu, tava comendo mocotó sentado assim do lado da minha cama, eu deitada, e ele assim: “mocotó não tá igual ao teu”, eu disse “não ela cozinha bem, ela puxou a mãe dela ali pra cozinha bem”, “não, não tá igual o teu”. Tá bom. Outro dia foi a dobradinha, “escuta, tá bom a dobradinha?”, “não, que é que tá faltando alguma coisa, mas não tá igual o teu”. Aí eu chamei as gurias, “como é que a Ângela fez?” “A mãe, ela ferveu e jogou”. “Ah, não, o caldo ela jogou fora? Ah, por isso o Ci disse que não tava igual ao meu. Porque olha, eu lavo os ingredientes e tudo, boto a ferver, aquela fervura já vai servir pra, né?” .Não, ela fervia e jogava fora. Então, por isso que o Ci disse que não tava igual o meu, que estava diferente. Agora não, se eu vou fazer o mocotó, eu vou aproveitar aquele caldo. E é o mocotó não é não é sopa. Que já no caldo que teve um estudante que estava fazendo gastronomia e ele me convidou. Nós fomos lá experimentar, tinha mocotó do Rio de

Janeiro, mocotó de Porto Alegre, de vários lugar. E cada um era um diferente, que nós aqui nós fizemos com arroz branco, já outros lugares eles fazem com o feijão branco. Já, acho que é Porto Alegre, não sei, eles fazem com o pé do porco, então muda, né? Aí ele fez lá na casa dele, aí convidou eu, a professora de gastronomia, tudo nós fomos. Aí quando meu neto foi pegar, disse assim: “vó”... Porque a gente tem que tirar todos, juntinho a todos os ossos, não deixa um. Eu disse: “Paulinho, ó, tem um ossinho, hein, não pode”. Aí depois a professora veio também, tinha batata. Não se bota verdura. Os ingrediente é aquele ali, é aquele ali, não tem nada de botar batata, e nós usamos pelo falecido Edmundo comer como pão de trigo, fatiazinha. O meu já está tudo lá, cortado, estava tudo cortadinho.

MÁRCIA- Edmundo é seu tio, irmão da dona Luci?

MÃE DETE- É. É que trouxe pra coisa do mocotó para cá, que foi essa época do mocotó. Foi na época que estava fazendo a ponte Hercílio Luz. Se essa, essa panelinha, esse caldeirão que tem aí que só querem comer o dinheiro do povo nos impostos para depois assim: “gastei tantos milhões”, em vez... O primeiro segundo concerto que eles fizeram na ponte Hercílio Luz, faziam uma balsa que era pouca distância. Não. Fizeram a ponte. Agora é concerto na Hercílio Luz, na Colombo Salles e na Pedro Ivo. Uma balsa não era melhor? Botava tudo ali e levava para lá e pra cá. Mas eles não pensam, eles só querem ir... mas não é. Que aí eles contrata tudo daquela mesma panela. É um preço. E eles compro material de segunda, de terceira... Diz que material é de primeira aí no centro, ai vão fazendo tudo de novo.

MÁRCIA- E os trabalhadores da ponte? Que a senhora me contou que eles vinham aqui comer. Eles vinham ou eles moravam aqui na comunidade?

MÃE DETE- Os embarcadiço?

MARCIA- Os que trabalharam na construção da ponte?

MÃE DETE- Não, não era daqui da comunidade. Eles vieram, então eles vinham comer.

MARCIA- Vinham comer depois voltavam pra casa? Não moravam aqui?

MÃE DETE- É não, eles não morava aqui. Era tudo trabalhador da ponte Hercílio Luz.

WILLIAM- Mãe, então acho que a gente vai chegando nas últimas perguntas, assim, pra finalizar a conversa...

MÃE DETE- Eu acho que só eu que estou falando e vocês não estão perguntando!

WILL- Não, mas é isso que a gente quer. A gente quer te escutar.

MÃE DETE- A minha mãe dizia que eu era a mulher da cobra.

WILL- A gente queria perguntar, mas por final. Se a senhora como Mãe de Santo aqui na sua casa, uma lembrança, uma memória, um momento marcante na sua casa? Nesses

anos todos, ou na sua vida de santo, um momento especial pra senhora? Pra senhora compartilhar com a gente, que vem na memória.

MÃE DETE: Olha, meu filho, para mim, o momento mais assim que marcou mesmo foi porque eu não, eu não esperava de formar uma Babá, uma Mãe de Santo, ter filho de Santo que eu acho que eu não ia ter. E hoje tenho os Ogã, Ogã, tenho um neto meu que ele é Babá. Ogã Baba de Calofé entende? Então, porque diz que isso é mais é Babá, Ogã Babá é mais pro Rio de Janeiro, é mais... essa outra da África, tudo, mas graças a Deus. Então para mim é assim, o momento mais é minha deitada foi uma deitada assim, que não foi... aquela festa, aquela coisa. Não... Aquela assim, ó, eu não não tinha 20 pessoas para estar conversando, que a gente hoje vai nos terreiros, as pessoas está ali (faz som de vozerio). Não! aquilo ali é deitada, deitada. Era uma horinha sentada para não ficar muito tempo deitada e eu me preocupava com meus problemas. Meu pai de Santo trazia livro da Allan Kardec para mim ler. Um dia da semana era um foi um almoço com a família. Por isso que eu fiz o meu almoço ontem e eu pensei que era só um pouquinho. Fiquei contando. Até 38 eu cheguei a contar depois, sem encontrar as crianças e tudo. Então eu tenho um amigo meu que os filhos dele estão aqui na gira, e a mulher. E ele falou tudo assim, daquele jeito né, “OOOOOO comidada, comidada.” Não, meu filho, Deus disse que está comigo, quem tem fome, é para comer e tudo. Olha, meu Deus do céu. Graças a Deus eles almoçaram, teve outros que jantaram. Os que não jantaram levaram uma marmita e ainda ainda sobrou o arroz, sobrou o macarrão, sobrou tudo. A gente tinha que imaginar...

MARCIA- Te devolvem os pratinhos de volta? os potes?

MÃE DETE- Ah, querida, nem me fala que isso aí vai os da Dete, a Dete quando vai ver que deu dá um toco mais não vai me dar. No Dia dos Pais, a Norma disse, “ó, mãe, eu vou pegar essa”. “Não tira daí que vai e não volta mais”, “não, mãe, é só para guardar o que sobrou”, as cumbuquinha branca com tampa verde. Solta uma lá, e as outras? Quem é que levou? Ninguém sabe! Que vai e não volta, então é sem volta. Mas, faz parte da vida da gente, essas coisas, né?

ELISA- A senhora gostaria de contar pra gente algo que a gente ainda não perguntou, que a senhora queria falar da religião de matriz africana, sobre a sua casa, alguma coisa que a senhora gostaria de contar pra gente?

WILL-Essa é a nossa pergunta para fechar, né?

MÃE DETE- Como é?

WILL- A pergunta pra fechar, né. É... se de tudo que a gente perguntou se faltou alguma coisa que a senhora gostaria de falar? A senhora acha importante falar?

MÃE DETE- Não. Acho que até falei demais.

CAROL: Uma mensagem talvez? Uma mensagem, pras pessoas?

MÃE DETE- Não, olha, o que eu posso dizer para vocês, minha filha, que na vida a gente tem que estar sempre assim, ó, “eu faço, eu quero, eu consigo.” A gente sempre pensar positivo, porque quando tu estás pensando em fazer uma coisa, mas tu já fica “ai, não, mas eu acho que não vai dar certo não,” Não. Vou fazer porque vai dar! Sempre pensar positivo, porque Deus, ele é pai e não é padrasto. Ele nunca ta com as portas dele fechadas. Sempre tem uma, porque sempre tem alguém pedindo ajuda a ele, está necessitando. Então, se nós todos somos filhos de uma só, que é o nosso pai, universal é ele. Pai não gosta de ver um filho sofrer. Quer dá tudo de bom, tudo de melhor. Agora, só que tem filhos que não, que sempre tem pessoas que dizem assim, “Deus escreve certo pelas linha torta”. E nós fizemos a mesma coisa, fizemos que não é. Então que tudo que vocês tiver vontade de fazer pra crescer para subir na vida, para ser engrandecido é fazer. Porque a vida hoje está muito, muito difícil. Porque há anos atrás tu sem o teu diploma, tu conseguir alguma coisa. Mas hoje não. Tem que ter o diploma, tem que ter tudo certinho ali. Há anos atrás a polícia militar era a mãe do dos vagabundo, porque todo analfabeto entrava. Hoje não entra mais, tem que ter os graus, tudo ali, ó certinho para entrar na polícia. Então tudo que você estiver assim, vontade, eu vou,” eu vou fazer,” faça, tenta e faça. Porque vocês com vontade e com fé que vai dar certo, vocês vence. É essa a mensagem que eu digo para todos os meus meninos aqui, porque olha. Eu tava passando ali na televisão. Eu digo, aí, meu Deus, aí Dete, se não fosse tão, tão enferrujada tivesse um pouquinho pela idade, não era tanto não, mas um pouquinho de saúde. Porque eu faço parte daquela, aquele jogo que da Olimpíada ‘Com dô’, eu deito ‘Com dô’ e levanto ‘Com dô’. É então isso, aquilo ali é meu. Mas eu não me envergo não, não sou filha de Xangô, mas eu envergo, mas não quebro. Eu faço, “Ai, quero me abaixar” não posso. Aí vem lá, “Aí, mas a senhora... A está com dor porque isso...” Ah, vai lá, eu vou esperar os outros para estar fazendo as coisas para mim. Eu acho que se eu ficar sem fazer as coisas, aí é que eu fico doente. “Vó, vai deita”. A cama, é para dormir e quando está doente, deixa eu eu estar em pé, deixa eu andar. Então aí se eu ficar... O meu marido se entregou. Perdeu a perna, ganhou uma perna, a médica assim pra ele: “Seu Manuel, essa perna nós estamos dando pro senhor, mas é pro senhor usar, não é para botar em cima de guarda roupa”. “Não...” Tava fazendo fisioterapia, tem que isso que ele botava a perna. Chegou a perna, botou a perna dentro do guarda roupa. Foi no médico, aí a médica assim pra ele: “Seu Manuel, senhor tá usando a perna?” Ele olhou pra mim antes dele falar eu digo: “a senhora não falou pra ele não botar em cima de guarda roupa? Ele fez melhor, em cima de guarda roupa ia criar poeira. Ele botou dentro do...” “Ô, seu Manuel”. Eu olha, ele queria me comer o fígado. Então aí quando foi? Uns 2 meses aí atrás, eu assim, “o Manuel, eu vou pegar essa perna, vou levar lá, deve ter alguém que tá precisando, a gente vai”. Ai, desculpa a minha expressão,” porra, caralho, a perna é minha, deixa a perna aí” Enfiei dentro de um saco preto botei lá em cima. Mas ele é assim. Deus o livre e eu não. E não sei, desde a minha infância, você sabe que eu na minha infância eu ganhava roupas e sapatos só uma vez no ano. Só pro Natal, da minha madrinha. Mas da vizinhança eu ganhava e até hoje as roupas que eu visto é tudo o que me dão. É difícil eu comprar uma roupa, que eu não me lembro. Já tenho até a minha roupa para enterrar, guardada em uma sacolinha. Guardei a primeira vez a roupa que eu fiz para os meus 25 anos de casado era um conjunto, uma saia e um blusão. Emprestei o blusão para minha cunhada. Ela levou, não trouxe mais, ficou só a saia e não vamos entrar. Aí já arrumei outra roupa e aquela saia eu nem uso e já arrumei. E a blusa, a meia tudo. Tá lá, olha, você não

esquece que tá tudo aqui. Mas eu não me apego assim as coisas, sabe? Tenho ciúme quando eu ganho as coisas que vão fazer palhaçada, me estrago, me quebro, não. Mas eu não sou assim, gosto de cuidar. Mas assim, o meu marido não. Deus o livre vestir, tira uma peça de roupa dele ali, vai doar.

WILL- Mas é assim né. Um diferente do outro que funciona o casamento ne?

MÃE DETE- E eu me meto em cada em cada rabo de arraia. Uma vez eu dei uma camisa bonita estampada, ele não usava pro meu irmão de criação, tranca rua. Eu disse, olha, nem chega perto do Manuel e não fala nada que eu dei. Ai tranca rua, gostando do pandeiro, tocando o pandeiro, cantando, aí chegou. Aí ele olhou assim e parece assim, “Ai, eu tenho uma camisa igual.” Eu saía. Aí ele disse, “Ai que bom, isso”. Eu digo, ah, eu pensei que ele ia dizer assim, “a Dete que deu”, mas é assim. Eu assim outra vez ele tinha um terno e que a minha sobrinha que deu, eu passei a mão e dei. Que as minha roupa que eu dou, vou lá naquele brechó lá do coisa, dou umas roupas. Não saio mais de casa, pra que roupa nova. Dei. “Ô tio, me empresta aqui aquele terno que eu lhe dei? Eu vou ou vou dançar junina, Festa Junina, mas eu vou de homem.” “Tá, pode pegar” E agora cadê?. Eu procurando, eu procurando, mas eu sabia. Ele dizia assim, “Hum, aposto que ela já deu” Ai eu dei nada (risadas ao fundo)...